

Pesquisadores defendem produção sem desmatamento

Categories : [Notícias](#)

O governo brasileiro poderá fazer um planejamento territorial detalhado para intensificar a produção agropecuária na Amazônia e no Cerrado, impedindo mais desmatamentos. Segundo informações do pesquisador Arnaldo Carneiro Filho, do Ministério de Assuntos Estratégicos, cinco laboratórios de universidades nacionais que trabalham com modelagens e sistemas de informação geográfico (SIG) estão envolvidos em um esforço de projetar formas de aumentar a produtividade de culturas como a soja e cana, além da pecuária.

Nos cálculos de Carneiro Filho, que em breve vai coordenar o Departamento de Planejamento de Paisagem no Ministério do Meio Ambiente, seria possível liberar 70 milhões de hectares somente com a intensificação da produção pecuária em todo o país (ver mapa abaixo). Essa quantidade de terra excede em muito a necessidade projetada para a expansão das lavouras de soja e cana nos próximos anos. De acordo com os dados reunidos pelo pesquisador, a área plantada da oleaginosa deverá crescer 5 milhões de hectares até 2015, enquanto a da gramínea, 2,3 milhões no mesmo período.

"A melhor forma de ocupar a terra que será liberada , será com o plantio de florestas, pois o Brasil não conseguiu desenvolver ainda uma economia de base florestal", disse Carneiro Filho.

As informações de Carneiro Filho foram apresentadas na última segunda-feira em um encontro de pesquisadores na Sociedade Real de Ciências do Reino Unido, onde debateu quais os desafios para aumentar a produtividade da agropecuária na Amazônia. Com o sugestivo nome de Peak Soya? – algo como o Pico da Soja, em referência à expressão Peak Oil, que define quando a produção de petróleo chegará ao seu limite – o evento foi organizado pela rede Global Canopy Programme, que reúne cientistas que lidam com florestas tropicais.

Também participaram do encontro, representantes de algumas das maiores empresas do setor varejista na Europa, como os supermercados Sainsbury, a gigante de agronegócio brasileira, Grupo Maggi e também fundos de pensão que investem em empresas com atuação no mercado de commodities agrícolas.

Intensificação é o termo

O climatologista Carlos Nobre, secretário de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério de Ciência e Tecnologia, também participou do encontro, via videoconferência. Autor dos principais estudos que demonstram o risco climático sobre a Amazônia, ele defendeu que a agricultura no Brasil deva adotar a intensificação como prioridade. "O principal termo que define a agricultura moderna é a intensificação e não a expansão sem limites", ele

pontuou.

O coordenador do Global Canopy Programme, Andrew Mitchell, argumenta que o desafio da intensificação continua ser a difusão das informações entre os produtores no campo. Ele lembrou a diferença entre a soja no Brasil – um setor bem concentrado – e a pecuária, cujo a produção é difusa. “Como transformar o conhecimento dos pesquisadores em algo prático para as empresas e produtores?” questionou Mitchell.